

**XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã /
Mídia Cidadã**

Tema central:

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design– **FAAC**

Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

**A comunicação do Levante Popular da Juventude durante a pandemia da
COVID-19**

Gabriela Guedes Teixeira

Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Do Estado do Rio de Janeiro

Os impactos econômicos e sociais da pandemia da COVID-19 ressaltam novamente o desafio da comunicação enquanto diálogo, que tenha como objetivo a organização e mobilização popular para resistir e construir outra perspectiva social.

Isso acontece porque a pandemia afeta e agrava as condições de vida da maioria da população, incluindo os jovens brasileiros, que por exemplo, são a maioria de desempregados (IBGE, 2020), gerando a necessidade da reação deste sujeito.

Neste sentido, o Levante Popular da Juventude, doravante Levante, é um movimento popular de jovens que lutam desde 2012 por uma vida digna para a juventude brasileira e que visa a transformação profunda da sociedade. Para isso, se organizam em células espalhadas em 22 estados brasileiros, especialmente em bairros e universidades, com comando local e nacional.

O movimento utiliza o método de educação popular de Paulo Freire (PALUDO et al, 2016), isto é, para o movimento não basta apenas informar à juventude sobre as mazelas sociais, é necessá-

rio formá-la para transformar essa sociedade. Divide seu cotidiano entre organizar os jovens em células através do trabalho de base, fazer formação política-ideológica e construir lutas em torno das bandeiras da juventude, como a defesa da educação, por exemplo

Kaplun (1985) relaciona esse método com o exercício da Comunicação Popular, pois ao suscitar uma reflexão sobre a mensagem política, o povo toma consciência de sua realidade; desta maneira, quando se constrói um meio de comunicação através da educação popular, realiza-se um processo educativo transformador.

A pandemia da COVID-19 em 2020 impactou de forma profunda a construção do Levante, não apenas pela impossibilidade de reunir presencialmente seus participantes, inclusive levando ao adiamento o 4º Acampamento Nacional¹ que seria realizado naquele ano, mas especialmente por conta da piora das condições de vida dos jovens que integram o movimento, que foram levados ao desemprego, com cada vez menos acesso à educação superior, ou mesmo com poucas condições de manter o distanciamento social.

Apesar deste cenário, o Levante decidiu seguir com seus trabalhos através de reuniões virtuais em plataformas de ligação em vídeo e é neste ambiente que a comunicação, especialmente através das redes sociais digitais, ganha maior importância.

Portanto, o objetivo deste relato é identificar as principais ações de comunicação que o Levante vem desenvolvendo durante a pandemia do Coronavírus no estado de São Paulo, além de sistematizar o Ciclo de Formação “As redes não nos cabem”, realizado entre agosto e setembro de 2020, enquanto experiência de curso aberto sobre a concepção de comunicação do Levante.

Do ponto de vista metodológico, além do conhecimento do tema pela autora que é membro do movimento, foi aplicada uma pesquisa documental e uma entrevista a Yuri Talacimon², de 27 anos, jornalista e participante dos coletivos que organizam a comunicação nacional e estadual de São Paulo, de modo a relatar com precisão as ações das quais o Levante Popular da Juventude tem desenvolvido em torno da comunicação ao longo de, até agora, um ano e meio de pandemia da COVID-19, que já marca quase meio milhão de vidas perdidas.

¹ Acampamentos Nacionais são os encontros nacionais do Levante Popular da Juventude, que acontecem, em média, a cada dois anos. Eles têm como objetivo reunir os participantes e jovens que queiram conhecer o movimento para planejar sua atuação futura. O último acampamento nacional foi realizado em 2016, em Belo Horizonte/MG e reuniu 7 mil jovens.

² Entrevista realizada pela autora no dia 29 de maio de 2021.

A comunicação do Levante em São Paulo

O desafio de restabelecer o diálogo entre os movimentos e a sociedade não é de hoje, afirma Yuri, mas se aprofunda com a pandemia. Na avaliação do Levante, fatos como o golpe sofrido por Dilma Rousseff em 2016, a prisão arbitrária do ex-presidente Luís Ignácio Lula da Silva e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 demonstram uma profunda derrota sofrida pela esquerda brasileira.

Devido à impossibilidade de o movimento ir às ruas para lutar contra o aprofundamento das desigualdades sociais, a comunicação, especialmente via redes sociais digitais, ganha mais destaque. É importante ressaltar que essa configuração atual do coletivo de comunicação em São Paulo se organizou durante a pandemia, que tem se dividido entre a produção e transmissão de conteúdo, organizando “plantões” de gerenciamento das redes sociais digitais; tarefas que são combinadas com reuniões de formação política.

Nesse sentido, o Levante Popular da Juventude em São Paulo tem focado em três principais pautas nas mídias digitais: a preservação de vidas; as campanhas de solidariedade organizadas pelo movimento e a denúncia dos governos federal, estadual e municipal e a irresponsabilidade desses órgãos e políticos diante da pandemia.

Para o tema da preservação de vidas, o movimento tem divulgado materiais informativos com relação às medidas sanitárias adequadas a este momento, como o isolamento social, com a *hashtag* #FiqueEmCasa, além da necessidade do uso de máscaras e álcool em gel.

Paralelo à divulgação de informações sobre como se proteger durante a pandemia, divulgam os materiais produzidos antes e durante as campanhas de solidariedade que o Levante tem organizado na capital e no interior do estado. Essas ações envolvem tanto a distribuição de alimentos para o combate à fome nos territórios onde o movimento atua, em parceria de outras organizações, como a Consulta Popular, a Ocupação Mauá no centro de São Paulo e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), quanto contribuição financeira para contratação de dados móveis (internet 3G) para que os jovens do movimento possam participar das reuniões e até mesmo estudar.

E por fim, a pauta política principal de suas redes tem sido não só a denúncia da agenda de Jair Bolsonaro, mas especialmente do governador de São Paulo, João Doria e da prefeitura de São Paulo, que por mais que sejam oposição ao governo federal, também não garantiram o isolamento social com renda, que permita com que a população de fato possa ficar em casa. Além de serem entusiastas da volta às aulas presencial, o que afeta diretamente a juventude, sem garantir condições estruturais nem para o ensino remoto, nem para o presencial.

Os mesmos conteúdos produzidos são publicados nas duas principais ferramentas: o perfil no Instagram, criado durante a pandemia e com poucos seguidores, 881, mas onde os jovens têm dado mais engajamento; e o Facebook, que existe desde 2012 e 16.252 curtidas até 21 de maio de

2021, ambiente digital em que o movimento ainda se mantém presente, mas percebem que parte de sua base já não se engaja nesse espaço.

Além disso, o Whatsapp é muito utilizado como ferramenta de comunicação interna, seja para receber os conteúdos produzidos pelas células e cidades, seja para compartilhar com a juventude o que o coletivo produz. Os grupos são variados: estadual, regional, municipal, local (células, universidades, bairros, escolas).

Yuri, então reafirma que, diante desses objetivos, o principal desafio segue sendo aprofundar o diálogo com a juventude. Considerando o contexto de desvinculação da esquerda do povo, a comunicação tem um papel não apenas de viralizar, ou produzir o máximo possível de conteúdo, mas organizar e formar os comunicadores populares do movimento.

As redes não nos cabem

Paralela à essa experiência local do estado de São Paulo, o Levante organizou entre agosto e setembro de 2020 o ciclo de formação “As redes não nos cabem”, com o objetivo de fortalecer o que o movimento chamou de “batalha das ideias” durante a pandemia, analisando as ferramentas que utilizam e suas potencialidades.

O curso contou com duas aulas por semana, sendo sete mini aulas ao vivo no total, das 18h às 19h30, em média, sobre Tecnologia da Informação, Audiovisual, Design, Podcast, Redes Sociais e Fotografia. Foi coordenado por militantes do Levante, sendo Emilly Firmino, jornalista; Bianca Liege, educadora e coordenadora do projeto audiovisual Reconstruindo Histórias e Vidas; Lorena Carneiro, jornalista; Aline Antunes, coordenadora da Rede de Cursinhos Populares Podemos+ e Guilherme Gandolfi, fotógrafo e podcaster do programa "Por Trás da Foto".

O primeiro tema abordado foi “Tecnologia da Informação: o que isso tem a ver com a comunicação?” que debateu o papel político da Tecnologia da Informação para a esquerda e os movimentos populares, com Rafael da Guia, desenvolvedor e analista de dados e Olívia Janequine, trabalhadora e pesquisadora da área de Tecnologia, ambos militantes da Consulta Popular. Foi a aula com maior audiência, contando com 1.168 visualizações³.

A segunda aula tratou sobre “Luz, Câmera e FormAção: O Audiovisual na Batalha das Ideias”, com a presença de Carol Brito, artista paraibana, produtora cultural, pesquisadora, empreendedora, idealizadora do projeto Enegrecida e líder apoiada no programa Marielle Franco do Fundo Baobá; João Wainer, jornalista, fotógrafo e cineasta, dirigiu os longas "Pixo" e "Junho", foi vencedor dos Prêmios Esso de Jornalismo, VMB da MTV Brasil, Multishow de melhor clipe e duas vezes o Prêmio Don Quixote de La Perifa; Cadu Souza, integrante da Brigada Audiovisual Edu-

³ O número de visualizações dos vídeos apresentados é referente ao último acesso da autora, em 21 de maio de 2021.

ardo Coutinho e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); contou com 830 visualizações.

A terceira mini aula, que chegou a 543 visualizações, discutiu sobre “Desenhando a luta: design e ilustração no agitprop das redes”, que falou sobre design com a presença de La Cruz, artista visual, graduando em Conservação e Restauração (UFMG) e militante do Levante e Chico Shiko, artista plástico, ilustrador e roteirista.

A quarta transmissão, com 428 visualizações, tratou sobre “Texto: Quais narrativas queremos disputar?” com a presença de Jamile Araújo, comunicadora popular, repórter no Brasil de Fato Bahia, militante da Consulta Popular e Altamiro Borges, coordenador do Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé.

Em seguida, o vídeo que possuía 522 visualizações, foi sobre “#PODCAST: Pode o quê? Os desafios e as potencialidades do podcast”, com a presença de Matias Pinto, historiador, membro do podcast Xadrez Verbal e do estúdio central e Amélia Gomes, jornalista do Brasil de Fato e membro do Granma Podcast.

A penúltima aula contava com 395 visualizações tem como tema “Das redes às ruas: redes sociais e mobilização popular”, com Solange Engelmann, jornalista e militante do setor de comunicação do MST e Dríade Aguiar, que é gestora, editora e colunista do Fora do Eixo e Mídia Ninja.

Por fim, a última aula, com 383 visualizações, teve a participação de Leonardo Milano, fotógrafo documental e repórter fotográfico independente, Jornalistas Livres e Everyday Brasil; e Tuane Fernandes, fotógrafa documentarista e fotojornalista da agência FARPA.

A atuação do coletivo de comunicação do Levante em São Paulo e o ciclo de formação demonstram uma reflexão e inserção já anterior do Levante nas redes sociais, mas como a pandemia da COVID-19 obrigou o movimento a intensificar esse objetivo para comunicar as pautas do movimento.

Entre muitos temas abordados durante o curso, uma ideia principal apresentada por Olívia Janequine é de que a tecnologia é parte do processo de organização econômica da sociedade, que hoje está na fase do capitalismo financeiro e que as ferramentas de tecnologia utilizadas pelo movimento devem estar subordinadas ao seu próprio projeto.

Além disso, Yuri ressalta que, para ele, as dificuldades de diálogo dos movimentos com o povo não são fruto apenas da dificuldade técnica da utilização das novas tecnologias da informação, mas também da sua capilarização. Portanto, a utilização das redes sociais digitais deve estar associada à mobilização e engajamento da juventude para mudar essa realidade trágica que vivemos.

Palavras-chave: Juventude; movimentos populares; comunicação popular

Referências bibliográficas:

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE SP. **Facebook.** Disponível em: <https://www.facebook.com/levanteSP> Acesso em: 21 maio 2021.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE SP. **Instagram.** Disponível em: <https://www.instagram.com/levantesp/>

CICLO de Formação “as redes não nos cabem”. Levante Popular da Juventude. **YouTube**, s.d.. Disponível em: <https://youtu.be/M21L4RuNkv8> . Acesso em: 21 maio 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. 4º trimestre 2020.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br> . Acesso em: 20 maio 2021.

INSCRIÇÃO para Ciclo de Formação “As redes não nos cabem”. Levante Popular da Juventude, **Sympla**, 25 ago. 2020. Disponível em: https://www.sympla.com.br/as-redes-nao-nos-cabem--ciclo-de-formacao_952203 . Acesso em: 21 maio 2021.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular.** Buenos Ayres, 1ª e.d., Lumen, 1985

PALUDO, Conceição; SANTOS, Magda Gisela Cruz dos; TADDEI, Paulo Eduardo Dias. *A educação popular no Levante Popular da Juventude no Rio Grande do Sul: Renovações e permanências.* **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.02, p. 545 – 571, abr./jun.2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27525>. Acesso em: 26.out.2020.